

EFEITOS DE RESISTÊNCIA NA PANDEMIA DE COVID-19: SOBRE O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO

Nayara Gleyce Prates Amorim Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: nayaraprates.as@gmail.com

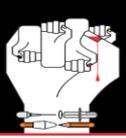
Edvania Gomes da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: edvaniagsilva@gmail.com

Alessandra Souza Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: ale.souza01@hotmail.com

1191

INTRODUÇÃO

No Brasil, assim como em outros países, as igrejas foram afetadas pela crise sanitária da COVID-19. Nesse sentido, as medidas de isolamento social, adotadas com o objetivo de conter o avanço da transmissão do vírus e, conseqüentemente, da doença, recaíram também sobre atividades religiosas, pois tais atividades concentram uma quantidade significativa de pessoas e, por isso, tornaram-se um possível vetor de transmissão da doença. Com base na proibição de encontros religiosos presenciais, vimos circular diversas materialidades significantes referentes ao posicionamento de grupos religiosos que se manifestaram contrários ou favoráveis às medidas recomendadas pelas autoridades de saúde e referendadas pelos governos. E, a partir dessas manifestações, outros discursos, acerca, por exemplo, da importância ou não da vacinação em massa e da relação entre a referida pandemia e um possível castigo divino também passaram a circular. Com base nos dados coletados para elaboração de uma pesquisa maior, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística, selecionamos, para este trabalho, recortes de textos que são contrários a outros, que materializam um discurso segundo o qual a pandemia seria um castigo divino e que são contrários à vacinação da população. Propomos analisar tais materialidades verbais a fim de identificar que posições-sujeito estão em funcionamento e que discursos se encontram materializados no *corpus* selecionado. Para tanto, recorreremos ao aporte teórico-metodológico da Escola Francesa de Análise de Discurso, mais precisamente, aos trabalhos de Michel Pêcheux, quando se referem ao conceito de discurso e problematizam a questão do sentido.



METODOLOGIA

Utilizamos os conceitos teórico-metodológicos da Escola Francesa de Análise de Discurso para fundamentar a elaboração da parte teórica deste trabalho e também para embasar as análises.

Trabalhamos, principalmente, com a noção de *efeito de sentido* proposta por Pêcheux (2015 [1983]). O autor defende que o discurso é um “[...] efeito de sentidos entre interlocutores” (PÊCHEUX, 2014 [1969], p. 82) isto é, o ponto de encontro entre a língua e a ideologia, uma vez que a ideologia se materializa no discurso e o discurso se materializa na língua. Para ele, os sentidos mudam “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 146-147). Ainda segundo o referido autor, “esses enunciados remetem ao mesmo fato, mas eles não constroem as mesmas significações”, portanto “não estão evidentemente em relação interparafrástica” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 20).

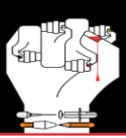
Com base nesses pressupostos teóricos, elaboramos este trabalho seguindo as seguintes etapas: i) seleção e catalogação de dados (retirados de um *corpus* maior); ii) mobilização de aporte teórico metodológico supracitado, iii) análise e discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a pandemia, declarações de sujeitos religiosos tiveram ampla circulação. Tais sujeitos buscavam, de alguma forma, garantir seus gestos de interpretação acerca da referida crise, e acabaram por produzir uma vasta materialidade significativa passível de análise. Vejamos, então, o primeiro exemplo:

Excerto 1: Nós, da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência, nos posicionamos de forma inequívoca em favor das vacinas, recomendando, encorajando e apelando para que TODOS se vacinem! Cristãos em especial, chamados pelo Senhor Jesus para amar ao próximo, demonstrarão este amor ao se vacinar, contribuindo para que esta doença mortal seja minimizada até desaparecer (ABC², 17/02/2021, grifos nossos).

O excerto 1 é parte de uma publicação da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência, que, no texto cujo título é “Porque Ele vive, posso crer no amanhã!”, se manifesta sobre as vacinas contra a COVID-19. A própria definição da associação “Cristãos na

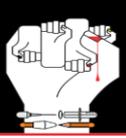


Ciência” já materializa o discurso segundo o qual fé e ciência são conciliáveis, indicando que existe um *contradiscurso*, com o qual o sujeito que emerge do/no enunciado sob análise não se identifica. O termo “inequívoco” produz o efeito-sentido de que cristãos que são contrários à vacina contra a COVID-19 estão cometendo um erro, um equívoco. É possível observar, na continuidade do excerto, que tal equívoco ocorre quando o cristão não assume o lugar que é convocado a ocupar, já que este é chamado “pelo Senhor Jesus para amar ao próximo”. Essa explicativa sustenta o argumento de que é necessário vacinar-se, pois só assim é possível, ainda segundo o texto, demonstrar o amor ao próximo, para o qual o cristão é chamado por Deus. Essa construção sintática indica um funcionamento discursivo segundo o qual o legítimo cristão é chamado a amar ao próximo e esse legítimo cristão é favorável à vacina, porque ela é um meio de demonstrar tal amor. Dessa forma, embora haja o atravessamento do discurso científico nessa materialidade linguística, esse sujeito, materializado no excerto sob análise, ocupa a posição-sujeito religioso, tendo em vista que tal recomendação se dá a partir dos princípios defendidos pela fé cristã. Desse modo, a imagem que emerge do sujeito do discurso é de alguém que se compromete tanto com a saúde da humanidade, quanto com as palavras do “Senhor Jesus”, que o ensina a “amar ao próximo”. Nesse sentido, o sujeito do discurso projeta a imagem do lugar do que deveria ser o “Cristão em especial, chamado pelo Senhor Jesus”, incluindo-se também nesse lugar, para recomendar que “TODOS se vacinem”.

O excerto abaixo é parte de um artigo publicado pelo site da Federação Espírita Brasileira, cujo título é “Uma nova pandemia, conhecida como Coronavírus” e que tem como objetivo apresentar esclarecimentos acerca da posição espírita em relação à pandemia da COVID-19 e desqualificar uma suposta interpretação segundo a qual a crise sanitária é uma forma de punição divina. Vejamos:

Excerto 2: As provações fazem parte da caminhada evolutiva da vida, que transcorre, naturalmente, nos dois planos existenciais, que lembram uma corrida de superação de obstáculos. É, pois, equívoco acreditar que ocorrências provacionais, como os flagelos destruidores, naturais ou provocados, sejam catalogados como castigo ou punição divina. Quem assim pensa tem de Deus uma ideia antropomórfica e se fundamenta em preceitos teológicos arcaicos (FEB, 15/07/2020, grifos nossos).

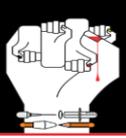
Aqui, o termo “As provações” faz emergir um pré-construído segundo o qual a pandemia de COVID-19 surge para colocar à prova e experimentar a força do indivíduo, produzindo, assim, o efeito-sentido de que a pandemia tem como finalidade contribuir



para “caminhada evolutiva” do indivíduo. No segundo e terceiro períodos, o texto, por meio do uso dos adjetivos “equivoco” e “arcaicos”, desqualifica o discurso segundo o qual as provações são “castigo ou punição divina” e faz emergir um pré-construído segundo o qual existem posições-sujeito que entendem as provações como castigo de Deus para punir a humanidade. Além disso, a formulação “É, pois, equivoco acreditar que ocorrências provacionais, como os flagelos destruidores, naturais ou provocados, sejam catalogados como castigo ou punição divina” materializa uma oposição entre provações, como paráfrase de “castigo divino”, e provações, como paráfrase de “caminhada evolutiva”. No entanto, sob a ilusão subjetiva, o sujeito do discurso espírita se contrapõe ao discurso punitivo acerca da pandemia, e, ao mesmo tempo, defende que a pandemia é uma provação. Ou seja, devido a uma relação metafórica de deslizamento de sentidos, provação e castigo estão ambos inscritos na FD religiosa. Nesse sentido, vemos, nesse excerto, a emergência daquilo que Pêcheux (2014 [1975]) caracterizou como sendo o “mau sujeito”, pois trata-se da negação da Forma-Sujeito que aponta a pandemia como castigo, uma vez que nega esse discurso. Mas, mesmo negando a pandemia como castigo, a posição-sujeito que emerge no excerto sob análise insere-se na FD religiosa, a qual fornece os saberes que regulam tanto a tese do “bom sujeito”, que defende que a pandemia é um castigo divino, quanto a do “mau-sujeito”, que nega a tese do castigo, fazendo emergir um efeito polissêmico segundo o qual o que ocorre, com a pandemia, não é castigo, mas provação. Assim, o sujeito do discurso inscrito nesse excerto se contra-identifica, parcialmente, com a forma-sujeito que organiza os saberes da FD religiosa, com a qual esse mesmo sujeito se identifica. Dizemos “se contra-identifica, parcialmente” (grifos nossos), porque, mesmo identificando-se com a FD religiosa, a posição-sujeito inscrita no excerto 2 pode se contra-identificar com alguns “sentidos” da referida FD, sem deixar, contudo, de pertencer a ela. Portanto, da mesma forma que, segundo Pêcheux (2014 [1978]), não existe identificação plena, a contra-identificação pode também ser “parcial”.

CONCLUSÕES

As análises indicam que, nos dados aqui analisados, os discursos acerca da pandemia de COVID-19 produzem, ao menos, dois efeitos-sentido que se inter-relacionam: i) um efeito de apoio a uma certa concepção de ciência; ii) um efeito de



resistência em relação ao discurso que indica a pandemia como uma espécie de “castigo divino”.

Constatamos também que, como afirma Pêcheux (2014 [1969], 2015 [1983]), o sentido é efeito produzido na relação entre língua e história, e está sujeito a falhas e equívocos, a partir de suas condições de produção. Isso explica a polissemia presente em termos que aparecem no *corpus*, como “provação”, “castigo”, “punição”, “caminhada evolutiva”, os quais podem apontar tanto para um discurso escatológico, quanto para um contradiscurso, que, apesar de estar em relação com o primeiro, funciona como seu “simétrico inverso” (PÊCHEUX, 2014 [1975]). Esse contradiscurso é, em certa medida, uma forma de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. COVID-19. Religião.

REFERÊNCIAS

Uma nova pandemia, conhecida como Coronavírus. 2020. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/07/15/uma-nova-pandemia-conhecida-como-coronavirus/>. Acesso em 22 abr. 2022.

Porque Ele vive, posso crer no amanhã! 2021. Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/posicionamento-abc%C2%B2-sobre-as-vacinas-contracovid-19/>. Acesso em 22 abr. 2022.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso: (AAD-69). In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (ANEXO 3). In: _____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1978].

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. Edição original: 1983.